

A Lista

Cecelia Ahern

Cem nomes.

Uma promessa.

Todo mundo tem uma história...

Tradução: Amanda Moura





Capítulo Um

ELA RECEBERA O APELIDO DE TÚMULO. Qualquer segredo ou informação confidencial, fosse pessoal ou não, que chegasse até ela nunca, jamais seria revelado. Sabia-se que poderia confiar nela, que ela nunca julgaria; caso o fizesse, seria em silêncio, de modo que jamais seria possível perceber. Ao nascer, recebera um nome cujo significado, consistência e fortaleza eram perfeitos para ela, assim como lhe deram o apelido apropriado. Era uma mulher resistente, firme, estoica, mas estranhamente confortante; eis aqui o motivo pelo qual visitá-la neste lugar era algo agonizante. E era agonizante mesmo, não apenas mentalmente desafiador; Kitty sentia uma dor no peito, no coração, para ser mais precisa, que começava com o pensamento de ter de ir até lá, que aumentava diante do fato de realmente estar ali e piorava ainda mais por saber que aquilo não era um sonho, nem um alarme falso. Era a vida na sua forma mais cruel. Uma vida que fora desafiada e que seria vencida, posteriormente, pela morte.

Kitty seguiu em direção ao hospital particular, caminhando pelas escadas quando poderia utilizar o elevador, escolhendo propositalmente os caminhos errados, permitindo, num gesto de cortesia, que as pessoas caminhassem na sua frente sempre que houvesse a

oportunidade, sobretudo quando se tratava de pacientes que se deslocavam na velocidade de uma lesma ou que arrastavam suas bolsas intravenosas dependuradas em suportes móveis. Ela estava ciente dos olhares, que nada mais eram que o resultado da crise atual na qual ela se encontrava e das vezes em que caminhara em círculos pela enfermaria. Prestava atenção a cada pequena conversa que qualquer pessoa desejasse ter com ela, e a toda e qualquer coisa que pudesse fazer para adiar sua chegada ao quarto de Constance. Até o ponto em que suas manobras dilatórias precisaram ser interrompidas, quando ela chegou a um beco sem saída: um semicírculo com quatro portas. Três portas abertas, os ocupantes dos quartos e seus respectivos visitantes, todos visíveis de onde Kitty estava, embora ela não precisasse olhar para dentro. Mesmo sem sequer ver os números, ela sabia qual era o quarto onde estava sua amiga e mentora. Sentiu-se grata pela porta fechada que restava nesse último momento de hesitação que permitira a si mesma.

Bateu com cuidado, sem se comprometer totalmente com o gesto, querendo esforçar-se pela visita, mas desejando, na verdade, não ser ouvida, para que assim pudesse ir embora, alegando sempre que tinha tentado, e sentir-se em paz, sem culpa. Uma pequena parte dela que ainda se agarrava à racionalidade sabia que aquilo não condizia com a realidade, que não era certo. Seu coração batia forte, os sapatos rangiam no chão enquanto ela dava um passo de cada vez. Sentiu-se fraca ao notar o cheiro. Odiava o cheiro de hospital. Uma onda de náusea a invadiu. Respirou fundo e suplicou por compostura, para que os supostos benefícios da vida adulta finalmente dessem as caras e que ela pudesse superar aquele momento.

Enquanto Kitty estava no processo de olhar para os próprios pés e respirar profundamente, a porta se abriu, e, sem esperar, ela deu de cara com uma enfermeira e com Constance, muito abatida. Ela piscou uma, duas, e na terceira vez sabia que deveria começar a fingir, já que não faria nenhum bem a Constance perceber a verdadeira reação da visitante ao vê-la. Então, Kitty tentou pensar em algo para dizer,

mas as palavras lhe faltaram. Não havia nada de engraçado, nem de trivial, nenhum assunto no qual ela conseguisse pensar para lançar à amiga que conhecia fazia dez anos.

— Nunca vi essa daí em toda a minha vida — disse Constance, com o sotaque francês perceptível apesar de morar na Irlanda há mais de trinta anos. Surpreendentemente, sua voz continuava firme e consistente, segura e inabalável, como sempre fora. — Chame a segurança e tire-a daqui imediatamente.

A enfermeira sorriu, abriu ainda mais a porta e voltou a ficar ao lado de Constance.

— Posso voltar depois — sugeriu Kitty.

Ela se virou, mas se viu diante de mais instrumentos hospitalares, então se virou de novo, procurando por alguma coisa normal, corriqueira e habitual na qual pudesse se concentrar e enganar a mente, fazendo-a pensar que não estava ali, num hospital, com aquele cheiro, e com a amiga doente em estado terminal.

— Estou quase terminando aqui. Só vou medir a sua temperatura — afirmou a enfermeira, colocando um termômetro na orelha de Constance.

— Venha. Sente-se. — Constance apontou para a cadeira que havia ao lado de sua cama.

Kitty não conseguia olhá-la nos olhos. Sabia que era uma grosseria de sua parte, mas os olhos continuavam se desviando como se fossem atraídos por uma força magnética que os levava a coisas que não remetiam à doença e que não a faziam se lembrar de pessoas doentes. Então, ocupou-se com os presentes que trazia nos braços.

— Trouxe flores para você. — Em seguida, olhou ao redor à procura de algum lugar para colocá-las.

Constance odiava flores. Sempre as deixava morrendo no vaso toda vez que alguém tentava suborná-la, pedir-lhe desculpas ou simplesmente alegrar o seu escritório. Mesmo sabendo disso, a ideia de comprá-las fora parte da procrastinação de Kitty, ainda mais porque havia uma fila bem interessante à frente dela.

— Ah, querida. O pessoal da segurança deveria ter avisado que flores não são permitidas na enfermaria — advertiu a enfermeira.

— Ah. Bem, não tem problema. Vou me livrar delas. — Kitty tentou disfarçar a sensação de alívio quando se levantou para escapar dali.

— Deixe que eu as levo — interveio a enfermeira. — Vou deixá-las na recepção, assim, quando for embora, você pode levá-las para casa. Não há motivo para um buquê tão lindo como este ir parar no lixo.

— Pelo menos eu trouxe cupcakes.

Kitty tirou uma caixa da sacola.

A enfermeira e Constance se olharam novamente.

— Está brincando... Também não permitem cupcakes?

— O chef prefere que os pacientes se alimentem apenas com a comida que sai da cozinha dele.

Kitty entregou o contrabando para a enfermeira.

— Pode levá-los para casa também. — A enfermeira sorriu, observando o termômetro. — Está tudo bem — disse ela a Constance, ainda sorrindo. As duas trocaram olhares antes de a enfermeira sair, como se aquelas três palavras significassem algo completamente diferente, e deviam significar mesmo, porque Constance não estava bem. Ela fora corroída pelo câncer. Seu cabelo começara a crescer de novo, mas os fios brotavam em partes aleatórias da cabeça, os ossos salientes do peito estavam visíveis e descobertos pela camisola disforme do hospital, e havia tubos e fios ligados em ambos os braços, que estavam finos e cheios de machucados de injeções e inserção de tubos.

— Ainda bem que não contei sobre a cocaína que está na minha bolsa — lançou Kitty logo que a porta se fechou atrás da enfermeira e as duas a ouviram gargalhar no corredor. — Sei que você odeia flores, mas eu estava em pânico. Ia trazer pra você esmalte dourado, incenso e um espelho, porque achei que seria legal.

— E por que não trouxe?

Os olhos de Constance continuavam azuis e cintilantes, e, se Kitty conseguisse se concentrar neles, tão cheios de vida, quase conseguiria se esquecer do rosto macerado. Quase, mas não completamente.

— Porque aí percebi que não teria a menor graça.

— Eu ia dar muita risada.

— Vou trazer da próxima vez.

— Aí não vai ser engraçado. Já ouvi a piada. Minha querida... —

Ela estendeu o braço em direção a Kitty e as duas apertaram as mãos com força sobre a cama. Kitty não conseguia olhar para as mãos de Constance, pois estavam muito machucadas e magras. — É tão bom ver você.

— Me desculpe pelo atraso.

— Você demorou um pouco.

— O trânsito... — Kitty começou a explicar, mas logo desistiu da brincadeira. Ela estava atrasada fazia mais de um mês.

Houve um silêncio e Kitty percebeu que aquilo significava uma pausa para que ela explicasse por que não tinha vindo antes.

— Detesto hospital.

— Eu sei. Nosocomefobia — disse Constance.

— O que é isso?

— Medo de hospital.

— Não sabia que tinha uma palavra pra isso.

— Sempre tem uma palavra para tudo. Faz duas semanas que não consigo evacuar. Eles chamam isso de anismus.

— Eu deveria escrever uma história sobre isso — sugeriu Kitty, devaneando.

— Não, não deveria. Minha inércia retal fica entre mim, você, o Bob e a mulher bacana que eu deixo olhar para a minha bunda.

— Eu me referia à minha fobia de hospitais. Isso daria uma boa história.

— Me diga por quê.

— Imagine que eu encontre alguém que está muito doente e não consegue ser tratado por causa disso.

— Então vão cuidar dele em casa. Grande coisa.

— E que tal uma mulher em trabalho de parto? Ela anda para cima e para baixo pela rua, mas simplesmente não consegue atravessar as portas do hospital.

— Então ela vai ter o bebê na ambulância, ou em casa, ou na rua.
— Constance deu de ombros. — Uma vez escrevi a história de uma mulher que deu à luz enquanto se escondia em Kosovo. Ela estava completamente sozinha e grávida do primeiro filho. Os dois só foram encontrados duas semanas depois, saudáveis e felizes, juntos. As mulheres na África dão à luz enquanto estão trabalhando nos campos e voltam para o trabalho pouquíssimo tempo depois. As mulheres tribais dançam para entrar em trabalho de parto. O mundo ocidental trata o parto de maneira errada — acrescentou Constance, balançando a mão despretensiosamente no ar, apesar de não ter nenhum filho. — Já escrevi um artigo sobre isso.

— Um médico que não consegue ir para o trabalho — continuou Kitty para incentivar a ideia.

— Que ridículo. Ele deveria perder a licença.

Kitty deu risada.

— Obrigada pela sinceridade de sempre. — Então, seu sorriso desvaneceu-se e ela se concentrou na mão de Constance que estava envolvida pela sua. — E que tal uma história sobre uma mulher cuja melhor amiga está doente e ela não consegue visitá-la?

— Mas você está aqui agora e eu me sinto feliz em te ver.

Kitty engoliu em seco.

— Você não comentou nada sobre aquilo.

— Sobre o quê?

— Você sabe o quê.

— Não sabia se você queria conversar sobre isso.

— Não queria mesmo.

— Tudo bem, então.

As duas permaneceram em silêncio.

— Estão acabando comigo nos jornais, no rádio e em todo lugar — afirmou Kitty, trazendo o assunto à tona mesmo assim.

— Não vi nenhum jornal.

Kitty passou batido pela pilha de jornais que estava sobre o peitoril da janela.

— Para onde quer que eu vá, todo mundo fica olhando para mim, apontando, sussurrando, como se eu fosse uma vadia.

— Esse é o preço que se paga pela luz da ribalta. Agora você é uma estrela da TV.

— Não sou nenhuma estrela de TV, sou uma idiota que fez papel de boba na TV. Há uma diferença bem clara nisso.

Constance deu de ombros uma vez mais, como se aquilo não fizesse a menor diferença.

— Para começar, você nunca quis que eu participasse do programa. Por que não diz simplesmente “bem que eu te avisei” e acaba logo com isso?

— Não são exatamente essas palavras que eu usaria. De nada adiantariam.

Kitty soltou a mão de Constance e perguntou baixinho:

— O emprego ainda é meu?

— Você não conversou com o Pete? — Constance pareceu furiosa com seu editor-chefe.

— Conversei. Mas quero ouvir de você. É mais importante para mim ouvir de você.

— A decisão da *Etcetera* de te contratar como repórter não mudou — declarou Constance, com firmeza.

— Obrigada — sussurrou Kitty.

— Te dou todo o apoio para fazer o *Thirty Minutes* porque sei que é uma boa repórter e tem potencial para se transformar numa profissional excelente. Todos nós cometemos erros, alguns mais, outros menos, mas ninguém é perfeito. É nessas ocasiões que nos transformamos em repórteres melhores e, o mais importante, em pessoas melhores. Quando você veio para a entrevista comigo, dez anos atrás, lembra da história que tentou me contar?

Kitty sorriu e contraiu os músculos do corpo involuntariamente.

— Não — mentiu.

— Claro que lembra. Bem, já que você não vai dizer, eu digo. Perguntei: se você tivesse de escrever uma história para mim neste exato momento, sem nenhum tema específico, o que escreveria?

— Não precisamos lembrar tudo isso de novo. Eu estava lá, lembra? — Kitty enrubesceu.

Constance continuou como se Kitty não tivesse dito nada:

— E você respondeu que tinha ouvido falar de uma lagarta que não tinha conseguido se transformar em borboleta...

— Sim, sim, eu sei.

— E que você gostaria de entender qual era a sensação de ter sido despojada de algo tão lindo. Que gostaria de saber qual era a sensação da lagarta ao ver as outras lagartas se transformando, sabendo o tempo todo que ela jamais teria aquela oportunidade. Nossa entrevista aconteceu no dia das eleições para presidente dos Estados Unidos e, no mesmo dia, um navio-cruzeiro afundou com mais de quatro mil e quinhentas pessoas a bordo. Das vinte pessoas que entrevistei naquele mesmo dia, você foi a única que não mencionou nada sobre política, nem sobre o navio, nem sobre o desejo de passar um dia com o Nelson Mandela, nada disso. O que mais preocupava você era a pobre lagartinha.

Kitty sorriu.

— Sim, bem, eu tinha acabado de sair da faculdade. Acho que ainda havia muita maconha no meu corpo.

— Não — sussurrou Constance, esticando o braço para segurar a mão de Kitty novamente. — Você foi a única em meio àquelas entrevistas a me mostrar verdadeiramente que não tinha medo de voar e que, na verdade, seu medo mesmo era o de não voar.

Kitty engoliu em seco, quase chorando. Ela ainda não tinha voado e, pelo que sentia, estava, agora, muito mais longe do que nunca.

— Alguns dizem que não devemos agir com base em nossos medos, mas, se não houver medo, onde estará o desafio? Muitas vezes, foi com medo que realizei o melhor do meu trabalho, porque o abracei e desafiei a mim mesma. Vi aquela jovem com medo de não poder voar e pensei: “A-há! Ela é a pessoa certa para nós”. E a *Etcetera* é isso. Claro, cobrimos política, mas também fazemos a cobertura das pessoas por trás da política. Queremos vê-las pelo seu lado emocional, não simplesmente apurar suas atitudes políticas, mas sim as

razões pelas quais elas agem assim. O que aconteceu que fez com que acreditassem nisso? O que aconteceu que as fez se sentirem dessa maneira? Sim, às vezes falamos de dietas, mas não é só o papo de “coma tal alimento orgânico e prefira tal alimento integral”, mas *por que* comê-los e *quem* vai comê-los. Falamos sobre as pessoas, os sentimentos, as emoções. Pode ser que a nossa tiragem seja menor, mas nos preocupamos mais com o significado, embora essa seja meramente a nossa opinião, claro. A *Etcetera* vai continuar publicando as suas histórias, Kitty, desde que esteja escrevendo o que é verdadeiro para você e não o que alguém acha que você deveria escrever para fazer uma boa história. Ninguém pode fingir que sabe o que as pessoas querem ler, ouvir ou ver. As pessoas raramente sabem o que querem; só ficam sabendo depois do fato. É por isso que criar algo original é tão importante. Encontrar o novo, não ficar reproduzindo o velho e alimentando o mercado. — Constance ergueu as sobrancelhas.

— Era a minha história. Não posso culpar mais ninguém.

— Quando se conta uma história, há mais pessoas envolvidas do que o autor, e você sabe disso. Se você tivesse vindo até mim com essa história, bem, eu não a cobriria, mas, supondo que eu tivesse aceitado cobri-la, teria voltado atrás antes que fosse tarde demais. Havia alguns indícios, e alguém acima de você teria percebido. Mas, se você quer assumir toda a culpa sozinha, muito bem, pergunte a si mesma por que queria tanto contar aquela história.

Kitty não tinha muita certeza se poderia responder à questão imediatamente, mas Constance reuniu suas forças e continuou:

— Uma vez, entrevistei um homem que parecia cada vez mais surpreso com as minhas perguntas. Quando perguntei por que estava tão surpreso, ele me disse que as minhas perguntas revelavam muito mais sobre a entrevistadora do que qualquer uma de suas respostas poderia revelar sobre si mesmo. Durante a entrevista, ele aprendeu muito mais sobre mim do que eu sobre ele. Achei aquilo interessante, e ele estava certo, pelo menos naquela ocasião. Acho que quando se cobre uma matéria muitas vezes ela acaba revelando mais sobre a

pessoa que a escreve do que sobre a própria matéria em si. As aulas de jornalismo nos ensinam que devemos nos afastar da história para relatar o fato de maneira imparcial, mas com frequência precisamos entrar na matéria para compreendê-la, para fazer as conexões, ajudar o público a se identificar, pois, do contrário, não haverá um coração ali; um robô poderia contar a história, ninguém se importaria. E isso não significa imprimir a sua *opinião* na notícia, Kitty, o que me aborrece também. Não gosto quando os repórteres simplesmente usam as matérias para nos contar como se sentem. Quem se importa com o que o outro está pensando? Uma nação? Um gênero? Um sexo? Isso é o que me interessa mais. Refiro-me a inserir entendimento em todos os aspectos da história, mostrar ao público que há sentimento por trás das palavras.

Kitty não queria pensar sobre o que a cobertura daquela matéria mostrava sobre ela — ela preferiria nunca mais pensar nem conversar sobre isso de novo —, mas era impossível, porque sua agência de notícias estava sendo processada e faltava apenas um dia para que ela fosse ao tribunal por difamação. Sua cabeça latejava, estava cansada de ficar pensando no assunto, cansada de analisar o que diabos havia acontecido, mas, de repente, sentiu a necessidade de se arrepender, de pedir desculpas por tudo de errado que fizera, apenas para poder voltar a se sentir uma pessoa digna.

— Tenho uma confissão.

— Amo confissões.

— Sabe, quando você me deu aquela vaga, fiquei tão entusiasmada que a primeira história que senti vontade de escrever para você foi a da lagarta.

— Sério?

— É óbvio que eu não poderia entrevistar uma lagarta, mas queria que a ideia fosse a base de uma matéria sobre pessoas que não conseguiam voar quando na verdade queriam muito fazer isso, o que significava ser refreada, sofrer a poda das asas. — Kitty olhou para a amiga desvanecendo na cama, com os olhos grandes fitando-a, e

teve de segurar a vontade de chorar. Tinha certeza de que Constance sabia muito bem o que ela queria dizer. — Comecei a procurar pela história... Desculpe... — Ela levou a mão à boca e tentou se recompor, mas não conseguiu, e as lágrimas caíram. — No final, eu estava errada. Acabou que a lagarta da qual te falei na verdade consegue voar. Ela se transforma numa mariposa. A mariposa-falcão. — Kitty sentiu-se ridícula por estar chorando àquela altura, mas não conseguiu segurar. Não era o dilema da lagarta que a fazia sentir-se triste, mas o fato de que sua reportagem, agora, se transformara num escândalo, algo que desta vez a colocara em sérios problemas. — A emissora me suspendeu.

— Fizeram um favor a você. Espere a poeira baixar e poderá voltar a contar as suas histórias.

— Não sei mais que história vou contar. Tenho medo de que me entendam mal de novo.

— Não vão te interpretar mal, Kitty. Você sabe, contar uma história, ou, como eu gosto de dizer, procurar pela verdade não significa necessariamente sair para uma missão armada até os dentes com o objetivo de revelar uma mentira. Nem quer dizer que você deve ser particularmente original. A questão é apreender a parte mais importante do que é real.

Kitty assentiu e fungou.

— Desculpe. Esta visita não era para falar de mim. Sinto muito mesmo. — Ela inclinou o corpo na cadeira e apoiou a cabeça na cama, envergonhada pelo fato de Constance vê-la daquela forma, envergonhada por estar se comportando daquela maneira quando sua amiga estava tão doente e com coisas muito mais importantes para se preocupar.

— Psiu! Silêncio agora — pediu Constance bem baixinho, passando as mãos carinhosamente pelos cabelos de Kitty. — Esse é um final ainda melhor do que eu estava esperando. Nossa pobre lagarta conseguiu voar, por fim.

Quando Kitty levantou a cabeça, Constance, de repente, pareceu exausta.

— Você está bem? Devo chamar a enfermeira?

— Não, não. Isso acontece do nada — respondeu ela, com as pálpebras pesadas e trêmulas. — Vou tirar um cochilo e logo fico bem de novo. Não quero que você vá embora. Temos muito que conversar ainda. Sobre o Glen, por exemplo.

Ela esboçou um sorriso enfraquecido.

Kitty retribuiu com um sorriso forçado.

— Sim, durma. Vou ficar bem aqui — sussurrou.

Constance sempre conseguia ler as expressões de Kitty, desmascarar suas mentiras em poucos segundos.

— Não gosto muito dele mesmo.

Em poucos segundos, Constance fechou os olhos.

KITTY SENTOU-SE NO PEITORIL DA JANELA do quarto e ficou olhando para baixo, vendo as pessoas passarem, tentando descobrir um caminho de volta para casa pelo qual pouquíssimas pessoas pudessem vê-la. Um murmúrio em francês a tirou do seu transe e ela se virou para Constance, surpresa. A não ser quando praguejava, em todos aqueles dez anos em que a conhecia Kitty nunca a ouvira falando francês.

— O que você disse?

Constance pareceu confusa por um momento. Ela pigarreou e se recompôs.

— Você parece distante.

— Estava pensando.

— Então é melhor eu avisar as autoridades imediatamente.

— Tenho uma pergunta que sempre quis fazer a você. — Kitty se deslocou até a cadeira ao lado da cama de Constance.

— Ah, sim? Por que o Bob e eu não tivemos filhos? — Constance sentou-se na cama, esticou o braço para pegar água e, com um canudo, sugou os últimos respingos que restavam.

— Não, não é isso. Você matou cada planta que já teve, não consigo imaginar como seria se tivesse sido mãe. Não, o que quero per-

guntar é: há alguma história que você gostaria que fosse escrita, mas que por algum motivo nunca escreveu?

Constance se animou diante da pergunta.

— Ah, essa é uma boa pergunta. Uma história em si, talvez. — Ela ergueu as sobrancelhas para Kitty. — Uma matéria para a qual você vai entrevistar escritores aposentados e perguntar a eles sobre as histórias que não foram contadas, hã? O que acha? Acho que vou falar com o Pete sobre isso. Ou talvez a gente deva entrar em contato com escritores aposentados para pedir a eles que escrevam a história que nunca escreveram, com exclusividade para a nossa revista. Pessoas como Oisín O’Ceallaigh e Olivia Wallace. Dar-lhes a oportunidade de contá-las. Poderia ser uma edição especial.

Kitty sorriu.

— Você não para nunca?

Alguém bateu de leve na porta. O marido de Constance, Bob, entrou. Parecia cansado, mas, logo que repousou os olhos sobre a esposa, sua expressão se suavizou.

— Olá, querida. Ah, oi, Kitty. Que bom ter você aqui com a gente.

— O trânsito... — retrucou Kitty desajeitadamente.

— Sei bem como é. — Bob sorriu enquanto se aproximava e beijou a cabeça de Constance. — Muitas vezes eu também fico preso no trânsito, mas antes tarde do que nunca, não é? — Ele olhou para a esposa, que estava com a expressão contorcida e concentrada. — Está tentando evacuar, querida?

Kitty deu risada.

— A Kitty me perguntou se há alguma história que eu sempre quis escrever e que nunca escrevi.

— Ah. Não devemos fazê-la pensar, disseram os médicos — brincou ele. — Mas essa é uma boa pergunta. Me deixe adivinhar. Aquele episódio do derramamento de óleo quando você conseguiu uma entrevista exclusiva com o pinguim que testemunhou tudo?

— Não tive nenhuma entrevista exclusiva com um pinguim. — Constance sorriu, depois fez uma careta por sentir dor.

Kitty ficou tensa, mas Bob, acostumado com aquilo, continuou:

— Ah, foi uma baleia, então. Uma baleia que viu tudo. Contou pra todo mundo que se aproximou dela sobre o que tinha visto.

— Foi o capitão do navio — lançou ela para Bob, mas num tom amigável.

— Por que não o entrevistou? — indagou Kitty, detida pelo amor que um sentia pelo outro.

— Meu voo atrasou — acrescentou ela, ajeitando as cobertas.

— Ela não conseguia encontrar o passaporte. — Bob a desmascarou. — Você sabe bem como é o nosso apartamento. Os Manuscritos do Mar Morto poderiam estar lá, até onde sabemos. Desde então, nossos passaportes ficam guardados na torradeira, para que a gente nunca mais se esqueça de onde estão. Enfim, ela perdeu o voo e, em vez de conceder a entrevista exclusiva para a Constance, o capitão conversou com outra pessoa cujo nome não devemos citar. — Ele se virou para Kitty e sussurrou: — Dan Cummings.

— Ah, você conseguiu, agora conseguiu me matar — disse Constance com dramaticidade, fingindo morrer.

Kitty cobriu o rosto com as mãos, sentindo que seria descabido rir ali.

— Ah, finalmente nos livramos dela — brincou Bob. — E então, qual é a resposta, minha querida? Estou intrigado.

— Quer mesmo saber qual é a história? — perguntou Kitty a Bob. Ele balançou a cabeça e os dois observaram Constance enquanto ela pensava, o que realmente era um sinal surpreendente.

— Ah! — exclamou ela de repente, com os olhos brilhando. — Já sei. É uma ideia recente, de certa forma. Para falar a verdade, algo que pensei no último ano, antes de... Bem, é meio que uma tentativa, mas é o que tem mantido a minha mente ocupada desde que estou aqui.

Kitty aproximou-se mais para poder ouvi-la.

Constance se deleitou por deixar Bob e Kitty curiosos.

— Talvez seja uma das minhas melhores histórias.

Kitty grunhiu, impaciente.

— Vou contar o que é. O arquivo está em casa. No meu escritório. A Teresa vai te deixar entrar se não estiver ocupada demais vendo o programa do Jeremy Kyle. Está arquivado na letra “N”, com o título de “Nomes”. Pegue a pasta, traga-a para mim e eu conto do que se trata.

— Não! — Kitty sorriu. — Você sabe como sou impaciente. Por favor, não me faça esperar.

— Se eu te contar agora, pode ser que você não queira mais voltar.

— Prometo que volto.

Constance sorriu.

— Tudo bem, então você pega o arquivo e eu te conto a história.

— Combinado.

As duas apertaram as mãos.